

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A PANCRONIA

### CONSIDÉRATION SUR LA PANCHRONIE

Maria Aparecida BARBOSA (USP)

**Resumo:** A uma concepção sincrônica de sistemas de signos, opor-se-á uma concepção pancrônica, no sentido amplo, de sistema de significação; se, no primeiro os elementos estáveis são as grandezas-signos e as leis combinatórias que permitem atualizá-las no texto, no segundo – que compreende o primeiro e o ultrapassa -, o elemento permanente é a semiose, entendida como processo instaurador da relação intra-sígnica, ou, ainda a máquina semiótica capaz de gerar novas grandezas-signos e, também de transformar as próprias regras gerativo transformacionais de produção dos enunciados. Situando-nos, por conseguinte, nesta perspectiva pós-estruturalista, que é, como se vê, formal-funcional, procuramos, em nosso trabalho, reunir alguns elementos que nos pareceram importantes para a construção de um modelo dinâmico de sistema semiótico linguístico, preocupando-nos, sobretudo, com o exame de um dos seus aspectos mais interessantes, a nosso ver, o da dinâmica das estruturas lexicais, já que é nesse território privilegiado que mais claramente se observa o inter-relacionamento dos sistemas semióticos e das estruturas sócio-culturais que, a um tempo, elaboram e refletem.

**Palavras-Chave:** Pancronia; Sistema de significação; Semiose; Pós-estruturalismo.

**Résumé:** A une conception synchronique de système de signes, on s'oppose à une conception pancronique, dans le sens plus large, de système de signification. Si, dans le premier cas, les éléments stabilisateurs ce sont des grandeurs-signes et des lois combinatoires qui permettent les actualiser dans le texte, dans le deuxième – qui comprend le premier et le dépasse – l'élément permanent c'est la sémiosis, entendue comme processus qui établissent la relation intra-signes, ou, encore, la machine sémiotique capable d'engendrer nouvelles grandeurs – signes et aussi capables de transformer les propres règles génératives de production des énoncés. Nous nous situons dans cette perspective post-structuratiste qui est formelle-fonctionnelle et nous cherchons, dans notre travail, de réussir quelques éléments qui nous semblent importants pour la construction d'un modèle dynamique de système sémiotique linguistique, en nous préoccupant surtout de faire un examen de l'un de ses aspects très intéressants, à notre avis, qui est le dynamisme des structures lexicaux parce qu'il est, dans cette territoire privilégié, où plus clairement on observe la inter-rélation des systèmes sémiotiques et des structures socioculturales que, il y a quelques temps, élaborent et reflètent.

**Mots-Clé:** Panchronie; Système de Signification; Semiosis; Post – structuralisme.

## 1. A propósito das concepções de estrutura

Se considerarmos as múltiplas correntes de linguística contemporânea, do ponto de vista da *meta-teoria* que orienta e situa os esforços da pesquisa teórica e de suas aplicações, torna-se legítimo agrupá-las, ainda que de maneira elementar, em dois grandes grupos: as formalistas, como, por exemplo, as de Hjelmslev e Chomsky, e as funcionalistas, como as de Jakobson e Martinet. Naturalmente, face à complexidade do objeto-linguagem, verifica o investigador que é bastante difícil, senão impossível, conservar essa pureza teórica, tantas vezes declarada em prefácios e introduções; a *práxis* científica leva-o, frequentemente, a “mettre de l’eau dans son vin”. É inegável a importância da contribuição epistemológica e metodológica dos mestres do chamado “estruturalismo clássico” ao desenvolvimento da ciência da linguagem. Parece-nos pertinente, entretanto, a crítica que se faz algumas daquelas correntes, no que diz respeito à sua concepção estática do modelo de estrutura.

Isso não significa, obviamente, que todos os trabalhos da linguística estrutural então realizados possam ser assim caracterizados. Compreende-se, dada a insistência com que se defendera, nas primeiras décadas de nosso século, a necessidade de uma postura rigidamente sincrônica na abordagem dos fenômenos linguísticos, que um ou outro estudioso tivesse transposto, por inadvertência, as peculiaridades do método para o objeto. Tais casos são raros e pouca ou nenhuma influência tiveram na evolução dos estudos linguísticos. Deles não nos ocuparemos aqui.

Ao contrário, distinguem-se certas teorias, efetivamente construídas a partir de uma noção de estrutura, entendida como um conjunto de relações estáticas, numa etapa sincrônica – como, por exemplo, a de Trubetzkoy –, de outras, em que esse caráter estático da estrutura é apenas aparente, ou deveria ser nuançado: as de Hjelmslev e Coseriu. Diferentes posições, que determinaram, até certo ponto, a direção tomada pelas pesquisas linguísticas e semióticas ulteriores.

## 2. Meta-modelos sincrônicos

Sob certos aspectos, podem ser legitimamente aproximadas, conquanto resultem de abordagens diversas, as oposições *língua/fala* (Saussure), *código/mensagem* (Martinet e Jakobson), *competência/performance* (Chomsky) e *sistemas/processo* (Hjelmslev).

Como se sabe, Ferdinand de Saussure opunha a língua à fala, como o social ao individual; a primeira, pois, era considerada como um repertório de signos e de regras (leis combinatórias), disponíveis para a realização do ato de fala, mediante uma dupla operação, de seleção – eixo paradigmático – e de combinação – eixo sintagmático –, repertório esse comum aos integrantes do mesmo grupo linguístico. Dessa maneira, a atuação do falante restringir-se-ia à emissão e à recepção dos atos concretos – a fala –, enquanto a língua permanecia como uma mesma e idêntica disponibilidade para todos os falantes, vista como um *sistema*, entendido este como um conjunto de relações *estáticas*, quando observadas em determinado momento da história. Apesar da dificuldade de se fixarem, na prática, os limites desse *momento*, assegurava aquela *estabilidade* a intercompreensão dos sujeitos. Assim, reserva-se a noção de dinamismo da linguagem ao exame dos aspectos relativos à sua evolução, donde a oposição entre linguística sincrônica, ou *estática*, e linguística diacrônica, ou *dinâmica* (Saussure, 1964, 23-32, 112-129).

Por outro lado, as proposições saussureanas a respeito da dicotomia *língua/fala* e da definição de seus termos suscitariam uma série de ponderações. Com efeito, muitas dessas proposições, embora tivessem sido formuladas com grande preocupação de rigor, poderiam dar margem a interpretações abusivas. Evidentemente, sua discussão exaustiva escapa às possibilidades e aos objetivos de nosso trabalho. No entanto, pareceu-nos importante lembrar ainda o problema das relações entre língua, forma e substância, problema decorrente, em parte, da concepção rigidamente sincrônica de sistema do mestre genebriano. Assim, afirmava ele que “... la langue elabore ses unités en se constituant entre masses amorphes /.../ cette combinaison produit une forme, non une substance” (1964, 156-7). Hjelmslev (1968, 74) observou-o claramente:

Mais cette expérience pédagogique, si excellemment formulée qu’elle soit, est en réalité dépourvue de sens, et Saussure doit l’avoir pensé lui-même. Dans une science qui évite tout postulat qui n’est pas rigoureusement nécessaire, rien n’autorise à faire précéder la langue par la, *substance du contenu* (pensée) ou par la *substance de l’expression* (chaîne phonique), que ce soit dans un ordre temporel ou dans un ordre hiérarchique.

A oposição *código/mensagem* foi objeto de particular atenção nos trabalhos de dois linguistas funcionalistas, Jakobson e Martinet. Reportar-nos-emos, sobretudo, às considerações deste último, conquanto sejam bastante próximos, no plano que aqui nos interessa, os modelos propostos por ambos.

Como funcionalista que é, Martinet emprega o termo *função* com o sentido de um desempenho, de um trabalho, de um funcionamento da linguagem, de uma língua ou

de uma unidade linguística, em uma língua. Essas expressões poderiam dar-nos a falsa impressão de uma concepção dinâmica do sistema. Entretanto, o próprio autor apressa-se em afastar essa possibilidade, situando a função na corrente falada — ou seja, no ato de fala —, caracterizando-o, de maneira geral, como uma função de informação: “Linguistiquement sont donc seuls pertinents les éléments de la chaîne parlée dont la présence n’est pas automatiquement entraînée par le contexte où ils apparaissent, ce qui leur confère une fonction d’information” (Martinet, 1963, 39). É essa função que determina o estatuto linguístico dos elementos, permite distingui-los e classificá-los:

Les éléments retenus sont ceux qui, dans le contexte où on les trouve, auraient pu ne pas figurer, ceux donc que le locuteur a employés là *intentionnellement* /.../ seuls les éléments porteurs d’information sont pertinents en linguistique: si dans l’énoncé *prends le livre!* le linguiste voit trois unités de première articulation, c’est qu’il y constate trois *choix* /.../ C’est du fait de sa *fonction* qu’un élément de l’énoncé est considéré comme linguistique, et, comme nous le verrons, c’est selon la nature de cette fonction qu’on le classera parmi les autres éléments retenus (Martinet, 1963, 38-9).

Como se vê, Martinet situa a função no *enunciado* e a relaciona a uma *escolha* que é determinada pela intenção de informação. Com muita razão, dá ênfase o autor à função de comunicação da linguagem; entretanto, entende-a como *transmissão de informação*, de tal forma que não parece haver lugar, em sua teoria, para o *tratamento* da informação, sua recuperação e sua *armazenagem* nos bancos de memória – no sentido informático – dos falantes, como disponibilidade para novas atualizações (código). O termo *escolha* poderia evocar, ao menos, um dinamismo de enunciação, mas o autor recusa igualmente essa possibilidade, afirmando taxativamente:

Ce n’est pas au linguiste en tant que tel de préciser ou, chez le locuteur, se trouvent disponibles ces faits linguistiques, ni par quel processus ce locuteur est amené à faire un choix conforme à ses besoins communicatifs (Martinet, 1963, 30).

Para ele, a linguagem tem três funções — suporte do pensamento, comunicação, expressão da subjetividade —, admitida ainda uma quarta função, um tanto quanto marginal e “difficile d’analyser”, a função estética (Martinet, 1963, 13). Percebe-se, pois, que todas elas têm o seu lugar no ato de fala — mesmo que seja articulado no íntimo do falante, de maneira inaudível para os possíveis interlocutores. O código é considerado, portanto, como um inventário, como uma estrutura estática, como um repertório de elementos, opostos por relações de oposição exclusiva e disponíveis para atualização, através de uma escolha:

Il est indispensable de distinguer /.../ d’une part, les faits linguistiques de tous ordres tels qu’ils apparaissent dans les énoncés, d’autre part, les faits linguistiques conçus comme appartenant à un répertoire dont dispose la

personne qui cherche à communiquer /.../ L'opposition, qui est traditionnelle entre *langue* e *parole* peut aussi s'exprimer en terme de *code* e *message*, le code étant l'organisation qui permet la rédaction du message et ce à quoi on confronte chaque élément d'un message pour en dégager le sens (Martinet, 1963, 30).

Essa posição confirma-se a cada passo em sua obra. Bastaria lembrar, por exemplo, sua concepção das *funções* do fonema:

L'analyse phonologique vise à identifier les éléments phoniques d'une langue et à les classer selon leur fonction en cette langue. Leur fonction est *distinctive* ou *oppositive*, lorsqu'ils contribuent à identifier, en un point de la chaîne parlée, un signe par opposition à tous les autres signes qui auraient pu figurer au même point, si le message avait été différent (Martinet, 1963, 52);

a função contrastiva — sintagmática — aparece como secundária:

Mais à côté de cette fonction phonologique essentielle, les éléments phoniques d'une langue peuvent assumer des fonctions *constratives* lorsqu'ils contribuent à faciliter, pour l'auditeur, l'analyse de l'énoncé en unités successives (Martinet, 1963, 52).

Muitíssimo importante é a sua concepção das relações entre a língua e a análise dos dados da experiência. Conquanto reconheça, acertadamente, a diferente análise desses dados, em diferentes culturas, reconhece-a, no entanto, como uma *correspondência*: “En fait, à chaque langue correspond une *organisation particulière des données de l'expérience*. Apprendre une autre langue /.../ (c'est) s'habituer à analyser autrement ce qui fait l'objet de communications linguistiques” (Martinet, 1963, 16). Logo, cada língua *corresponde* a uma análise particular, quando o próprio Saussure já dizia “élabore” (cf. Saussure, 1964, 156). A função de análise dos dados da experiência, num ato de comunicação, é, obviamente de extrema importância; ela é, como se compreende facilmente uma das *condições* para que esse ato se dê, e diz respeito diretamente a outra função da linguagem, proposta por Martinet, a de ser suporte do pensamento. Entretanto, tudo isso se refere aos atos de fala, como já tivemos oportunidade de observar. O código aparece como uma disponibilidade estática para as atualizações e como um modelo pronto, segundo o qual se analisam as experiências individuais. Em nenhum momento, na teoria clássica de Martinet, se vislumbra a possibilidade de examinar-se o dinamismo do sistema, não no sentido de sua evolução — diacrônica — mas em relação aos mecanismos que permitem ao código *recuperar* a informação elaborada e transmitida através dos atos de fala, de tal modo que este não corresponda apenas a uma análise particular dos dados da experiência, mas seja um instrumento de *construção, reconstrução e contínua reformulação* dessa análise, da

codificação dos dados antro-po-culturais que ele suporta e expressa, e a que chamam os semióticos modernos “visão do mundo”.

Para Chomsky, inicialmente, uma língua seria um conjunto finito ou infinito de sentenças, construídas a partir de um número finito de elementos:

From now on I will consider a *language* to be a set (finite or infinite) of sentences, each finite in length and constructed out of a finite set of elements (Chomsky, 1956, 13).

Desse modo, a sintaxe deveria estudar os princípios e os *processos de produção* dessas sentenças:

Syntax is the study of the principles and processes by which sentences are constructed in particular languages. Syntactic investigation of a given language has as its goal the construction of a grammar that can be viewed as a device of some sort for producing the sentences of a language under analysis (Chomsky, 1956, 11)

Nessa perspectiva, uma das preocupações centrais de semelhante investigação será a distinção das sequências ditas *gramaticais* e *agramaticais*; uma gramática proposta para uma língua deverá permitir sejam *geradas todas as seqüências gramaticais* e não permitir seja gerada qualquer sequência agramatical:

The fundamental aim in the linguistic analysis of a language L is to separate the *grammatical* sequences which are the sentences of L from the *ungrammatical* sequences which are not sentences of L and to study the grammatical sequences. The grammar of L will thus be a device that generates all of the grammatical sequences of L and none of the ungrammatical ones. (Chomsky, 1956, 13).

Logo, a adequação de uma gramática proposta pode ser verificada pela gramaticalidade das sequências geradas e um dos *critérios* dessa verificação será o *juízo* dessas sequências pelo falante nativo: “... the sequences it generates are actually grammatical, i.e., acceptable to a native speaker” (Chomsky, 1956, 13). O termo *actually* é extremamente importante e situa o modelo gerativo-transformacional numa postura rigidamente sincrônica.

Chega-se, assim, inevitavelmente, às noções de *competência* e *performance*, distinção fundamental entre o conhecimento que o falante-ouvinte tem de sua língua, e o emprego efetivo da língua em situações concretas (Chomsky, 1971, 13); dessa maneira, entende-se a competência como a possibilidade ilimitada do locutor de construir e compreender um número infinito de frases, incluído, pois, o juízo de sua gramaticalidade; a performance, como os atos linguísticos do falante. Por essa razão, a performance é revelada da competência e esta pode ser assimilada ao sistema subjacente de regras que, aprendido pelo falante-ouvinte, é por ele usado em sua performance

efetiva (Chomsky, 1971, 13). Esse sistema de regras é uma gramática gerativa, dominada e interiorizada pelo falante — linguisticamente competente —, em que se formula seu conhecimento da língua (Chomsky, 1971, 19).

A competência é, por conseguinte, sincronicamente concebida e deve ser examinada numa abordagem sincrônica, como o afirma Ruwet: “Il apparaît immédiatement que le fait central, dont la linguistique *synchronique* a à rendre compte, est le suivant: tout sujet adulte parlant une *langue* donnée est, à tout moment, capable d’émettre spontanément, ou de percevoir et de comprendre, un nombre indéfini de phrases, que pour la plupart, il n’a jamais prononcées ni entendues auparavant” (Ruwet, 1967, 16).

Vista como uma atividade “criadora” do espírito — e não como um repertório —, a competência é, no entanto, considerada como idêntica para todos os falantes de uma mesma língua, numa etapa sincrônica, posição, aliás, inevitável, se se pretende que qualquer desses falantes possa julgar a gramaticalidade de uma seqüência: “... any speaker of English will recognize that only the former is grammatical” (Chomsky, 1956, 15). Isso significa, entre outras coisas, que Chomsky e seus discípulos entendem essa “criatividade” linguística de um modo bastante diverso do que o fazem outros lingüistas. Teremos ocasião de voltar ao assunto mais adiante.

Ora, uma das preocupações de Chomsky, ao propor e justificar a sua teoria, foi a de criticar o caráter *estático* dos modelos de estrutura dos autores do “estruturalismo clássico”, especialmente os que haviam sido apresentados nas obras de Hockett e de Harris:

Customarily, linguistic description on the syntactic level is formulated in terms of constituent analysis (parsing). We now ask what form of grammar is presupposed by description of this sort. We find that the new form of grammar is *essentially* more powerful than the finite state model rejected above. (Chomsky, 1966, 26).

Depois de demonstrar a inadequação de um simples modelo teórico de comunicação e de uma versão formalizada da análise em constituintes imediatos, afirma: “I suggested a more powerful model combining phrase structure and grammatical transformations that might remedy these inadequacies” (Chomsky, 1966, 49).

Certamente, o modelo gerativo-transformacional se caracteriza por um dinamismo que é totalmente ausente no modelo proposto, por exemplo, por Martinet e

que examinamos acima, o que explica, inclusive, o pouco relevo dado por este último às estruturas sintáticas.

Entretanto, o próprio Chomsky apresenta seu modelo como “um modelo de estrutura de combinatória da frase e das transformações gramaticais”, conforme acabamos de constatar. Nesse sentido, sua concepção de *competência*, como vimos, é ainda mais explícita: a capacidade de emitir, perceber e compreender um número indefinido de *frases* e ainda fazer um julgamento sobre sua *gramaticalidade*, em virtude de um sistema subjacente de regras que o falante — o sujeito linguisticamente competente — dominou e interiorizou. Noutras palavras, essa competência é a de codificar, emitir, receber, decodificar e, ainda, julgar os atos de fala, do ponto de vista de sua gramaticalidade. Percebe-se, pois, que aquele dinamismo está ligado ao *processo de produção*, e que o modelo é dinâmico, apenas, se se entende a competência e o sistema subjacente de regras gerativo-transformacionais assim postulado como uma *dinâmica de produção*, tomando-se o termo *produção*, linguisticamente, no seu sentido mais amplo, desde que se aceite, é claro, que codificação, decodificação e julgamento são atividades linguísticas e não se atribua às duas últimas um caráter de passividade.

Situada a competência como um dado rigidamente sincrônico, não se consegue vislumbrar no modelo chomskyano o lugar que teria uma *dinâmica de sistema*, entendida, por exemplo, como um sistema de regras que explicassem a transformação do próprio sistema, ou, se se preferir, que explicasse a transformação, por exemplo, das regras gerativo-transformacionais de *produção* (competência). O mesmo se dá, ainda, com os modelos propostos pelos autores que se filiam à semântica gerativa, para os quais “l’objet fondamental de la description sémantique sera la *phrase*” (Galmiche, 1975, 10).

Assim, embora tenha constituído um notável avanço na ciência da linguagem, a teoria sustentada por Chomsky e seus discípulos repousa ainda numa concepção sincrônica de sistema linguístico; embora procure dar conta da dinâmica de produção linguística, por meio de um modelo de sistema linguístico que se propõe, a este último se atribui estabilidade, numa etapa sincrônica. Se se comparasse o falante a um computador, programado para produzir um número indefinido de frases gramaticais, sem produzir nenhuma frase agramatical, poder-se-ia dizer que a sua *programação* corresponde à sua *competência*. Contudo, a comparação nos parece inadequada, em muitos aspectos; reportamo-nos aqui a apenas um deles: uma das qualidades que distinguem os homens das máquinas computadoradas é justamente a capacidade que têm



os primeiros de *auto-programar-se* e *reprogramar-se* continuamente. Vê-se, pois, que o modelo chomskyano, que pretende, entre outras coisas, fazer a crítica do modelo saussureano *língua/fala*, confirma, até certo ponto, o seu *meta-modelo*.

Toda linguagem comporta, para Hjelmslev, dois eixos, o do *sistema* e o do *processo* (Hjelmslev, 1968, 187). O processo, quando se trata de línguas, é um *texto*. A todo processo corresponde um sistema capaz de analisá-lo e descrevê-lo. É interessante observar como essa proposição de Hjelmslev, formulada muito antes que a de Chomsky (a edição original dos *Prolegômenos* data de 1943) se aproxima, em vários aspectos, da oposição *competência/performance* e compreende até mesmo, embora não explicitado e desenvolvido, um princípio gerativo, em seu sentido amplo:

... à tout *procès* on peut faire correspondre un *système* capable de l'analyser et de le décrire au moyen d'un nombre restreint de principes. Il doit être possible de considérer tout *procès* comme une suite finie d'éléments qui réapparaissent constamment dans de nouvelles combinaisons. On devrait pouvoir, en se fondant sur l'analyse du *procès*, regrouper ces éléments en classes, définie chacune par l'homogénéité de ses possibilités combinatoires, et, à partir de ce classement préalable, établir un calcul général exhaustif des combinaisons possibles (Hjelmslev, 1968, 18).

Assim, para Hjelmslev, a teoria da linguagem deve propor-se a verificar a hipótese de um sistema subjacente ao processo, assim como “... de constantes qui sous-tendent les fluctuations” (Hjelmslev, 1968, 19). Estabelece-se, pois, uma correspondência *invariante: sistema :: variante: processo*. (Hjelmslev, 1968, 89). Além disso, a noção de *função* proposta por esse lingüista, como uma *relação que contraem* dois termos, os *funtivos*, permite-lhe opor processo e sistema de dois modos: pela função que contraem entre si os elementos que integram o sistema, de um lado, e a que contraem entre si os elementos do processo, de outro lado; e pela função que contraem entre si sistema e processo.”

Primeiramente, distingue-se a função “*e*” ou conjunção lógica, e a função “*ou*” ou disjunção lógica; ao nível do processo. estabelece-se uma função “*e*” entre os *funtivos* que aí *coexistem*; ao nível do sistema, existe uma função “*ou*” entre os elementos que se *alternam*, de modo que as relações entre os elementos do sistema constituem os paradigmas do sistema (Hjelmslev, 1968, 54-7). Denominando a função de disjunção *correlação*, e a função de conjunção, *relação*, o autor define o sistema como *uma hierarquia correlacional*, e o processo, como *uma hierarquia correlacional* (Hjelmslev, 1968, 59).

Por outro lado, o processo e o sistema subjacente contraem uma função, que é uma determinação, e em que o sistema é a constante: “... *le procès détermine le*

*systeme*” (Hjelmslev, 1968, 59).

Dessa maneira, se considerarmos as relações entre os fúntivos do sistema — relações de disjunção lógica, ou paradigmáticas — e as relações entre sistema e processo, teremos de concluir necessariamente que Hjelmslev apresenta uma concepção do sistema linguístico, tomando-o como uma estrutura estática, em sua teoria. Tal sistema se confunde com a língua: “Quand il s’agit de la langue parlée quotidienne /.../ nous appellerons ici le procès un *texte*, et le système une *langue*” (Hjelmslev, 1968, 59).

Entretanto, uma releitura cuidadosa da sua obra mostra-nos que o autor possuía, na verdade, uma concepção mais dinâmica do sistema linguístico; com efeito, certos modelos por ele propostos constituiriam os fundamentos sobre os quais se desenvolveriam algumas importantes correntes do pós-estruturalismo europeu.

### **3 . Meta-modelos pancrônicos**

Duas seriam as possibilidades de solucionar-se o impasse a que conduziam as concepções estáticas de estrutura e sistema da linguística estruturalista e da teoria transformacional clássica: a) estabelecer-se uma distinção nítida entre língua e sistema, atribuindo-se à primeira um caráter dinâmico e certa permanência ao longo do eixo do tempo, enquanto se sucederiam diferentes sistemas; b) formular-se um novo modelo que permitisse dar conta do dinamismo do sistema linguístico, não somente ao nível de produção (codificação, decodificação, julgamento) dos atos de fala, mas também enquanto reformulação continuada do próprio sistema.

Examinando-se a história recente da linguística, verifica-se que a primeira opção traz consigo vários inconvenientes graves: impede que se examine o processo pelo qual se passa de um sistema de uma *etapa sincrônica* ao da etapa subsequente, embora o subentenda no modelo, de tal maneira que os menos avisados poderiam ser levados a ver a língua como uma sucessão de sistemas mais ou menos independentes; cria a necessidade metodológica de imaginar-se um momento de transição — rápida — entre dois sistemas subsequentes relativamente estáveis — para assegurar, como pretendia Saussure, a intercompreensão dos sujeitos —, ou de uma ruptura; restringe o dinamismo do sistema à sua evolução, numa concepção muito próxima da diacronia, impossibilitando o estudo do dinamismo de certas estruturas, como a do léxico, por exemplo, numa mesma etapa sincrônica; e, finalmente, em consequência, torna muito difícil se faça a oposição, fundamental em linguística entre *evolução* e *mutabilidade*. Por essas razões, e outras mais, que não cabe explicar aqui, alongando

desnecessariamente, o nosso trabalho, a primeira opção foi sendo paulatinamente abandonada; ao contrário, a inclinação para a segunda opção acentua-se nos estudos linguísticos, semióticos e sêmio-linguísticos, em virtude das importantes contribuições da informática e da cibernética, e da crescente tendência à interdisciplinaridade, nas pesquisas realizadas nas ciências do homem.

Gostaríamos de examinar, aqui, alguns aspectos de modelos propostos por Hjelmslev e Coseriu, assim como certas facetas de modelos desenvolvidos mais recentemente por discípulos indiretos do primeiro. Para tanto, faz-se necessário, ainda, não se confunda a *pancronia*. Enquanto método de abordagem do fenômeno linguístico, e *uma concepção pancrônica de sistema e estrutura*; conquanto esta tenha decorrido daquela, na história da ciência, com ela não se identifica, como veremos mais adiante. Trata-se, na verdade, de modelos que procuram, inclusive, estudar as relações entre os sistemas linguísticos e os outros sistemas semióticos atuantes nas comunidades linguístico-culturais, e de suas funções na dinâmica social e cultural dessas comunidades.

### 3.1. O modelo de Hjelmslev

A concepção dinâmica de sistema e estrutura não é sempre explícita na obra de Hjelmslev; o autor parece oscilar entre uma visão sincrônica e uma visão pancrônica, de modo que aquela concepção *só* nos surge claramente ao espírito, numa releitura cuidadosa, atenta, *a posteriori*, isto é, depois que conhecemos os modelos que derivaram das fecundas proposições de sua teoria. Na realidade, os elementos necessários para provocar uma sensível mudança na direção das pesquisas linguísticas já estavam nela contidos. Inicialmente, vê Hjelmslev a língua como um sistema de signos — como o fazia Saussure — mas logo acrescenta:

Une langue est avant tout un système de signes; pour remplir pleinement cette fonction, elle doit être toujours capable de produire, de nouveaux signes, de nouveaux mots ou de nouvelles racines. (Hjelmslev, 1968, 69-70).

Um dos traços mais importantes de sua teoria é o de ter evitado, de início, o escolho de uma difícil elaboração de uma teoria do signo linguístico, numa época em que se debatiam, polemicamente, a posição de Saussure e a tradicional, segundo a qual o signo “é signo de alguma coisa”.

Preferiu, ao contrário, considerar o signo, a princípio, como uma grandeza, indefinível por si mesma, e fundamentar seu modelo na noção de *função semiótica*.

Como sabemos, uma função, para Hjelmslev, é uma relação que contraem entre

si dois termos, os funtuivos (Hjelmslev, 1968, 53-4), uma relação de dependência tal que cada funtuivo só se define em relação ao outro, os dois termos só existem naquela relação e a relação só existe entre os dois termos. Essa aparente redundância é metodologicamente necessária.

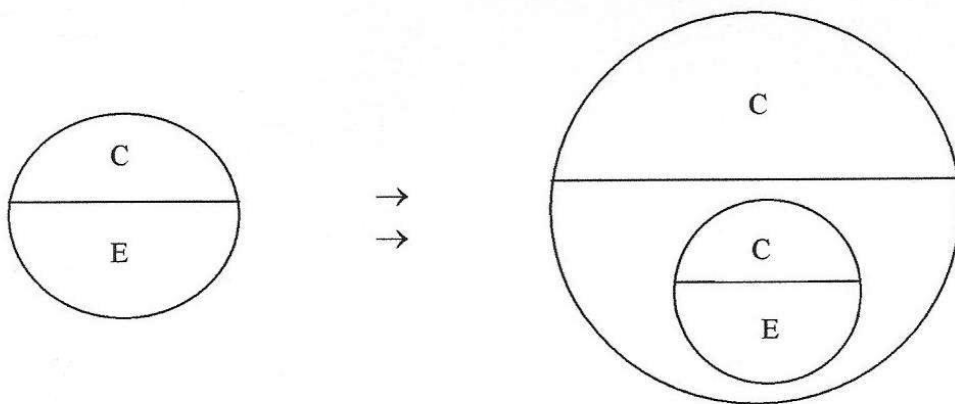
Assim, a função semiótica é a relação de dependência que contraem duas grandezas, a expressão e o conteúdo, e de que resulta a grandeza *signo* (Hjelmslev, 1968, 71-2). Nesse sentido, um funtuivo-significante só é, em relação a um funtuivo-significado; um funtuivo-significado só é, em relação a um funtuivo-significante; e, ainda nessa perspectiva, significante e significado só existem numa relação, de significação – entendida aqui como função semiótica – e uma relação de significação só existe entre aqueles dois funtuivos.

Por outro lado, uma função pode ser um dos termos um funtuivo – de outra função, ou, se se preferir, uma função pode ter como um de seus funtuivos outra função; dir-se-á, então, que se trata de uma *meta-função*.

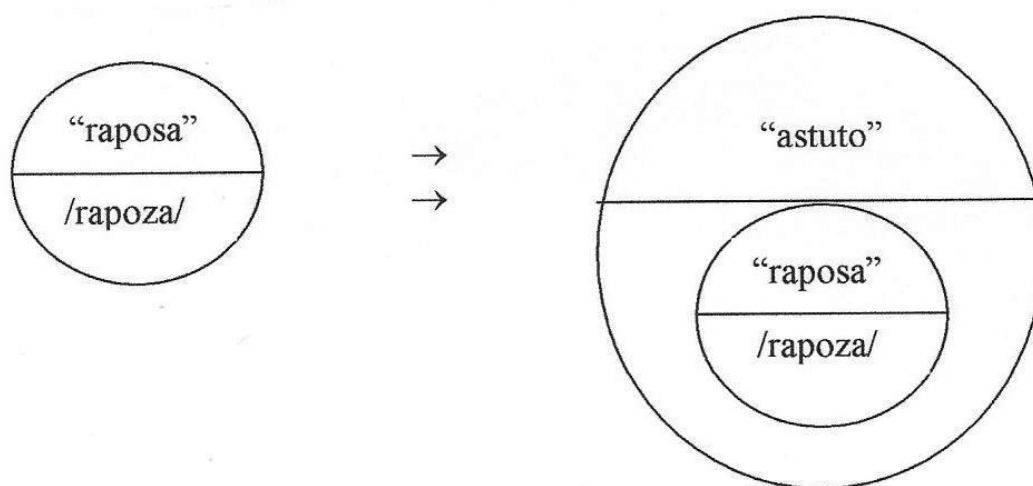
Concebe-se, pois, que uma função semiótica, relação entre expressão e conteúdo, se estabeleça de modo que o seu plano de expressão seja constituído por uma função semiótica anteriormente estabelecida, ou seja, de acordo com a formulação proposta por Barthes (1971, 193):

Teremos então:

(E R C) R C



como, por exemplo, em:



ou seja, uma função meta-semiótica denominada *conotação*: “Un langage de connotation n’est donc pas une langue. Son plan de l’expression est constitué par les plans du contenu et de l’expression d’un langage de dénotation” (Hjelmslev, 1968, 161).

Concebe-se, igualmente, que uma função meta-semiótica se estabeleça de tal modo que o seu plano de conteúdo seja uma função semiótica anteriormente estabelecida: “... reconnaître l’existence de langages dont le *plan du contenu* est lui-même un langage” (Hjelmslev, 1968, 161), ou seja, ainda de acordo com a formulação proposta, por Barthes (1971, 164):

E R (E R C)

Na realidade, segundo a definição hjelmsleviana de *função*, tanto

(E R C) R C

como

E R (E R C)

são, rigorosamente, *funções meta-semióticas*. Entretanto, o autor prefere distingui-las mais claramente, chamando à primeira *conotação* e à segunda, *função meta-semiótica stricto sensu*.

Ainda não foram esgotadas pelos lingüistas contemporâneos todas as decorrências dessa fecunda proposição. Consideremos, por exemplo, a conotação.

As oposições *denotatum/conotatum* não são estáticas numa dada língua. Com efeito, um signo, dotado de certo valor denotativo em língua, pode ser atualizado, num universo de discurso, com um valor conotativo. Se esse uso repetir-se com freqüência,

tornar-se-á denotativo naquele universo, integrando-se, então, à norma de discurso. Seu emprego poderá ainda romper as fronteiras desse universo, de modo a torna-se, mais tarde, um *denotatum* segundo, de língua, de tal forma que muitos linguistas verão *denotatum*<sub>1</sub> e *denotatum*<sub>2</sub> como dois signos independentes. Diremos, então, que a significação elaborada em discurso foi *recuperada* pelo sistema. Em seguida, a função semiótica de *denotatum*<sub>2</sub> poderá tornar-se o funtivo de uma nova função meta-semiótica.

Teremos, pois, vários níveis de denotação e conotação

$$Den_1 \rightarrow Con_1 \rightarrow Den_2 \rightarrow Con_2 \rightarrow \dots$$

e a transferência de funções semióticas de um universo de discurso para outro:

$$\begin{array}{ccccc}
 \Phi\sigma_1 & \in & UD_1 & e & \Phi\sigma_1 & \notin & UD_2 \\
 \downarrow & & \downarrow & & \downarrow & & \\
 \Phi\sigma_1 & \in & UD_1 & e & \Phi\sigma_1 & \in & UD_2
 \end{array}$$

onde  $\Phi\sigma$  = função semiótica

Ora, enquanto Saussure propõe que uma língua é um sistema de signos, entendido como um repertório estável, como vimos, o modelo hjelmsleviano fundamenta-se na função semiótica. Isso significa que a cada nova função semiótica, ou meta-semiótica, que se instaure, teremos geradas novas grandezas-signos, quer se limite sua existência a um único ato linguística, quer venha a tornar-se de alta frequência e ser, desse modo, recuperada pelo sistema.

Assim, ao contrário do que se dá no modelo saussureano, os elementos permanentes do sistema linguística – e de outros sistemas semióticos – não são as grandezas-signos, mas a função semiótica e a *semiose*, entendida como o *processo* instaurador da significação como uma relação intra-sígnica.

Temos, pois, na função semiótica e na *semiose* que a instaura (cf. Morris, 1976, 13-26; a edição original é de 1938), os elementos fundamentais para a proposição de um modelo mais dinâmico de sistema de signos, já que, inclusive, “... uma propriedade essencial do signo é a de poder comportar-se tanto como signo-objeto – quando substituí, por assim dizer, o “objeto” do qual esse signo é signo –, quanto, poder

comportar-se como meta-signo – quando substitui não já um “objeto”, diretamente, mas, sim, outros signos” (Lopes, 1976, 19) .

Dessa maneira, a noção de *processo*, a princípio reservada aos atos de fala (o texto), passa a ser aplicável também ao sistema, em seu dinamismo semiótico.

Paralelamente a essas considerações, seria preciso lembrar ainda outra oposição extremamente importante, formulada por Hjelmslev, *estrutura/uso da língua*: “Le nombre des éléments et les possibilités de liaison de chaque élément sont fixés une fois pour toutes dans la *structure de la langue*. *L’usage de la langue* décide lesquelles de ces possibilités l’on exploitera” (Hjelmslev, 1966, 61).

Uma vez que podem formar-se um número indefinido de signos a partir de um número finito de elementos e de regras bem conhecidas, o sistema de uma língua assume um carácter *produtivo*: “*Le système des éléments est achevé, mais le système de signes est productif /.../ Toute langue possède, en plus des signes effectivement employés, une réserve pratiquement inépuisable de possibilités inexploitées*” (Hjelmslev, 1966, 63-4). A estrutura determina, pois, os usos possíveis, cujo inventário é aberto, e, ao mesmo tempo, impede os usos contrários às relações e leis combinatórias que encerra.

Por essa razão, podem corresponder a uma mesma estrutura, diferentes usos da língua; entretanto, como a estrutura determina as possibilidades do uso, a um uso da língua só pode corresponder uma estrutura. Estabelece-se, assim, uma função, isto é, uma relação de dependência entre a estrutura e o uso da língua, em que a estrutura é a *constante* e o uso é a *variável* (Hjelmslev, 1966, 64). Isso significa, por outro lado, que o uso da língua possa mudar, sem que ocorra necessariamente uma mudança de estrutura.

A estrutura da língua estabelece o número de elementos com os quais se deve operar e as regras de sua combinação. Diremos, então, que o sistema compreende todas as possibilidades já exploradas (atualizadas) ou suscetíveis de serem exploradas, enquanto a estrutura se restringe apenas as oposições funcionais.

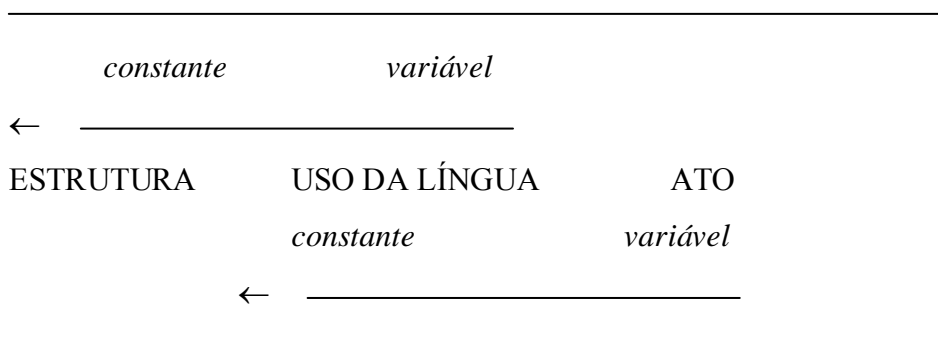
Por outro lado, a um uso da língua corresponde um número indefinido de *atos*, linguísticos, de modo que o uso da língua, entendido como um conjunto de atualizações efetivas, habituais, poderia ser considerado como uma *constante* em relação à *variável-ato*.

A possibilidade de uma mudança no uso da língua, sem que a ela corresponda necessariamente uma mudança de estrutura, tem implicações epistemológicas e

metodológicas muitíssimo importantes. Ela permite, por exemplo, que se faça a distinção, fundamental, entre evolução e mutabilidade linguísticas, problema que voltaremos a examinar mais adiante.

Se reservarmos o termo *evolução* para uma mudança de sistema – dinamismo no sentido diacrônico –, caberá distinguir ainda o caráter dinâmico do sistema, enquanto sistema *produtivo* de signos, que vimos de examinar, a dinâmica do uso linguístico – entendidos esses dois últimos aspectos como a *mutabilidade* linguística – e, finalmente, a *dinâmica de produção* do ato de fala, na relação *sistema/processo*.

Essas considerações permitem-nos propor o seguinte esquema:



Parece-nos legítimo concluir que os modelos propostos por Hjelmslev tendiam para uma concepção pancrônica, apontavam para essa direção, assumida em estudos linguísticos e semióticos recentes.

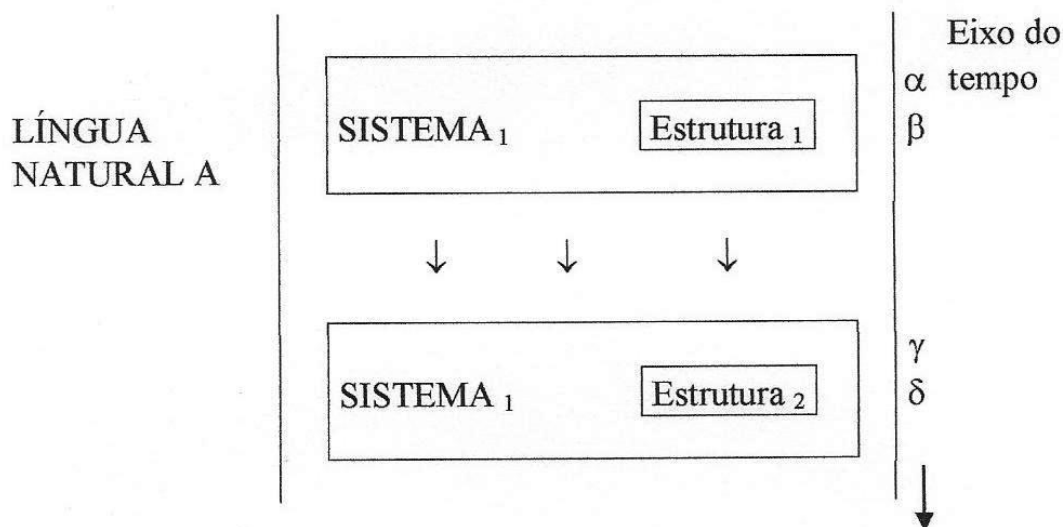
### 3.2. O Modelo de Coseriu

Convêm distinguir (Cf. p.32) a *pancronia* como método de abordagem do fenômeno linguístico, e uma *concepção pancrônica de sistema e estrutura*. Com efeito, a teoria de E. Coseriu afirma claramente a necessidade da primeira, enquanto indica apenas, aqui e ali, alguns elementos que poderiam conduzir à elaboração da segunda.

Como se sabe, o método pancrônico consiste basicamente no estudo de dois ou mais sistemas de uma mesma língua, correspondentes a etapas sincrônicas que se sucedem no eixo do tempo. Para maior segurança da pesquisa. Estabelecem-se limites, mais ou menos arbitrários, quanto à extensão do período que deve ser metodologicamente considerado sincrônico, para efeito de levantamento dos dados, assim como um intervalo, nesse mesmo eixo do tempo, que assegure a diferença dos sistemas examinados.



Teremos, então:



em que os segmentos  $\alpha$ - $\beta$  e  $\gamma$ - $\delta$  correspondem a etapas sincrônicas e o segmento  $\gamma$ - $\delta$ , à margem de segurança na pesquisa.

Ao contrário de Hjelmslev, que, como vimos, identificava língua e sistema, Coseriu os distingue nitidamente: “... la *lengua* es continuidad, mientras que el *sistema* y la *norma* son estaticidad” (Coseriu, 1967, 103). O sistema e a norma são, para esse autor, conceitos estruturais, sincrônicos, embora possa considerar-se, diacronicamente, a passagem de um sistema a outro, ou de uma norma a outra. Com isso, toda concepção dinâmica fica restrita à evolução linguística. O método pancrônico, tal como e proposto na obra de Coseriu, corresponde a uma combinação dos eixos sincrônicos e diacrônico.

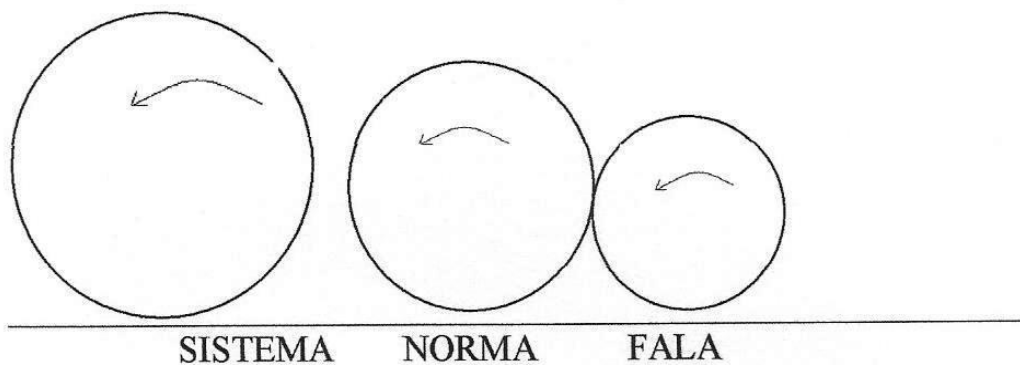
Examinemos, agora, a oposição tríplice *sistema* / *norma* / *fala*. A fala corresponde os atos linguísticos registrados no próprio momento de sua produção; a norma, um primeiro grau de abstração, contém apenas o que, no falar concreto, e repetição de modelos anteriores, e o sistema, segundo grau de abstração, contém apenas o que na norma é oposição funcional (Coseriu, 1967, 95-6). Assim,

El *sistema* es sistema de posibilidades, de coordenadas que indican caminos abiertos y caminos cerrados: puede considerarse como conjunto de “imposiciones”, pero también, y quizá mejor, como *conjunto de libertades*, puesto que admite infinitas realizaciones y sólo que no se afecten las condiciones funcionales del instrumento lingüístico /.../ La norma es, en efecto, un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales y varía según la comunidad (Coseriu, 1967,

98).

Semelhante proposição permite analisar com mais rigor o problema da mudança linguística. Efetivamente, se podem existir diferentes normas num mesmo sistema — normas que variam de acordo com a comunidade, ou no interior da mesma comunidade (norma popular, norma literária, norma jornalística, etc.) —, é perfeitamente concebível que se dêem mudanças da norma que não afetem o sistema linguístico em suas oposições funcionais.

Todo ato de fala é exclusivo e jamais se repete em idênticas condições (enunciado, enunciação, contexto linguístico e extralinguístico). A continuidade da produção de atos linguísticos diferentes faz que essas diferenças se acumulem lentamente, a ponto de provocar uma mudança de norma; finalmente, as mudanças realizadas ao nível da norma acumulam-se, ao ponto de provocar, por sua vez, uma mudança ao nível do sistema, de modo que a dinâmica de evolução poderia ser ilustrada por um esquema de três engrenagens:



Temos, pois, dois níveis de mudança linguística, que se inscrevem, no entanto, no mesmo processo dinâmico, cujo ponto de partida é sempre o sujeito falante-ouvinte. Esta é, sem dúvida, a posição de Coseriu, quando assim se expressa:

... el hablante tiene conciencia del sistema, y lo utiliza, y, por otro lado, conoce o no conoce, obedece o no obedece la norma aun manteniéndose dentro de las posibilidades del sistema. Pero la originalidad expresiva del individuo que no conoce o no obedece la norma puede ser tomada como modelo por otro individuo, puede ser imitada y volverse, por consiguiente norma. El individuo pues cambia la norma quedando dentro de los límites permitidos por el sistema; pero la norma refleja el equilibrio del sistema en un determinado momento y cambiando la norma, cambia ese equilibrio, hasta volcarse totalmente de un lado o de otro. De esta manera, el individuo hablante aparece como punto de partida también del cambio en el sistema, que empieza por el desconocimiento o la no-aceptación de la norma” (Coseriu, 1967, 107).

Consideremos, então, certas relações que se poderiam estabelecer entre o esquema de abordagem do método pancrônico e o modelo de evolução concebido a partir da distinção entre sistema e norma, e das relações que mantêm estes últimos. Lembremos, ainda, que, se a norma compreende somente a repetição dos modelos anteriores, é suscetível de uma descrição que resulte de um tratamento estatístico. Dir-se-á, nessas condições, que pertencem à norma os elementos que se caracterizam por uma frequência estável de atualização e por uma distribuição regular entre os falantes-ouvintes.

Comparando-se duas etapas sincrônicas sucessivas, **sistema<sub>1</sub>** e **sistema<sub>2</sub>**, poder-se-á constatar que:

a) Elementos pertencentes ao sistema<sub>1</sub> pertencem também ao sistema<sub>2</sub>, continuando com a mesma *vitalidade*, ou, estatisticamente, apresentam uma frequência de atualização estável, de modo que integram também as normas dos dois sistemas;

b) Elementos que têm no sistema<sub>1</sub> uma frequência de atualização estável, apresentam frequência decrescente no sistema<sub>2</sub>, deixando, pois, paulatinamente a norma mas permanecendo possibilidade do sistema;

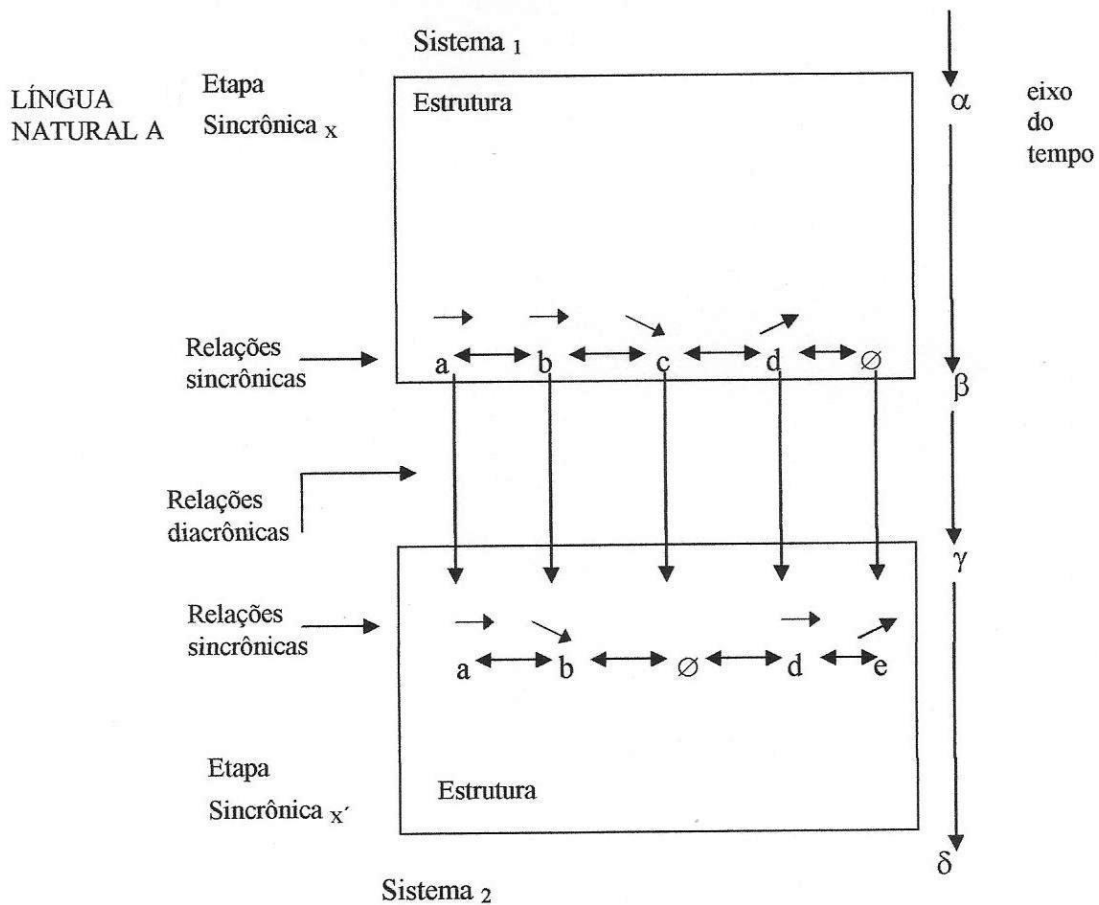
c) Elementos que tinham uma frequência decrescente no sistema<sub>1</sub>, não mais se encontram no sistema<sub>2</sub>;

d) Elementos que tinham uma frequência de atualização crescente no sistema<sub>1</sub>, apresentam uma frequência estável no sistema<sub>2</sub>, de modo que passaram a integrar a norma desse sistema;

e) Elementos que não pertenciam ao sistema<sub>1</sub>, surgem com uma frequência crescente, ou ascendente, no sistema<sub>2</sub>.

Vê-se, pois, que num dado sistema, entendido como um recorte sincrônico na continuidade da língua, um elemento linguístico pode ter uma frequência de atualização estável, crescente ou decrescente.

As relações que vimos de examinar poderiam ser assim esquematizadas:



em que  $\leftrightarrow$  indica uma posição estrutural em sincronia,  $\downarrow$  indica evolução, passagem de um sistema ao subsequente, as flechas  $\nearrow$ ,  $\rightarrow$ ,  $\searrow$ , respectivamente, frequência crescente, estável e decrescente; os segmentos  $\alpha$ - $\beta$  e  $\gamma$ - $\delta$  correspondem a etapas sincrônicas, e  $\beta$ - $\gamma$  à margem de segurança na pesquisa.

Dessa maneira, torna-se possível surpreender o dinamismo da língua nos próprios recortes sincrônicos, não como fatos de evolução, mas como *tendências*, suscetíveis, até certo ponto, de um diagnóstico estatístico, por exemplo. As relações entre norma(s) e sistema e as relações entre dois sistemas subsequentes, no eixo do tempo, conduzem a nuançar a proposição do modelo de estrutura como um conjunto de relações estáticas.

#### 4. Meta modelos pós-hjelmslevianos

Não obstante sua independência e originalidade, os trabalhos de Barthes (1964),

Greimas (1966, 1970, 1973) e Pottier (1967, 1968, 1970, 1972, 1974) caracterizam-se por certos elementos comuns, que nos permitem – do ponto de vista que aqui nos interessa – considerá-los em conjunto, numa rápida abordagem. Com efeito, esses autores constroem vários de seus modelos, fundamentando-os, direta ou indiretamente, em algumas proposições extremamente importantes da teoria de L. Hjelmslev. Dentre elas, destaca-se a do isoformismo dos planos da expressão e do conteúdo, entendido como a possibilidade de serem os dois planos descritos por uma mesma metalinguagem.

Na verdade, nem Barthes nem Greimas apresentam, em sua obra, um modelo de sistema linguístico que procure dar conta dos diferentes aspectos e dos diversos níveis de análise de sua estruturação; nem é essa a sua preocupação fundamental. Antes, buscam fazer a extrapolação dos modelos da linguística frástica, aplicando-os ao estudo das estruturas discursivas (linguística transfrástica), como, por exemplo, as da narrativa literária, assim como ao dos sistemas modelizantes secundários, dos sistemas sígnicos não verbais. Bernard Pottier, ao contrário, vem desenvolvendo, desde 1962, e a partir de uma teoria própria do signo linguístico – fundada, também, na verdade, em algumas proposições hjelmslevianas –, um projeto que pretende explicar, ao nível frástico, a estruturação do código linguístico, desde o processo de conceptualização até a constituição e estruturação do léxico, as estruturas sintagmáticas, a produção e a combinatória dos enunciados e os mecanismos da comunicação, numa perspectiva semântico-sintática (cf. Pottier, 1974).

Assim, tais projetos completam-se, na realidade, e tendem todos para uma concepção cada vez mais dinâmica de estrutura e sistema, claramente perceptível em vários aspectos relevantes de seus mais recentes trabalhos. Enquanto Barthes interessa-se pela semiologia — estudo dos signos na vida social — e a considera como um ramo da linguística, na medida em que considera também que os demais códigos em função numa comunidade sócio-linguístico-cultural são dependentes do código linguístico — numa posição bastante próxima, desse ponto de vista, da de Saussure —, Greimas, depois de propor uma semântica estrutural (1966), desenvolve uma teoria semântico-sintática, em que as estruturas actanciais, de início, por Guillaume e reformuladas, em seguida, por Pottier, ao nível frástico, são aplicadas ao discurso, constituindo-se, pois, em elementos muito importantes da linguística transfrástica. Consolidada sua aplicação ao discurso literário, estende-se o emprego dos modelos actanciais e das estruturas narrativas ao estudo dos discursos linguísticos não literários — como, por exemplo, o discurso científico (Greimas, 1976a), o discurso jurídico, econômico, jornalístico, o do

conto popular (Courtès, 1973, 1976), etc. — e ao de discursos de outros códigos, como o pictórico, o arquitetônico, etc., surgindo, então, o projeto de uma ciência, a semiótica, entendida, não como a teoria geral dos signos, mas como a ciência que trata dos sistemas de significação.

Nessa perspectiva, é extremamente importante a distinção, que vem sendo proposta, entre sistema de signos e sistema de significação. O primeiro, de acordo com uma concepção sincrônica e ainda saussureana, compreende um inventário, ou repertório, de elementos disponíveis para atualização — os signos — e regras para combiná-los nos enunciados (leis combinatórias); o código é visto, essencialmente, como um veículo de comunicação e transmissão da informação. Já um sistema de significação, numa concepção pancrônica *lato sensu* — alguns preferiram, talvez, *acrônica* — é algo muitíssimo mais complexo, uma vez que é visto, simultaneamente, como veículo e *gerador* de significação e de informação. Compreende, além das grandezas-signos e leis combinatórias (sintaxe frástica e transfrástica), uma máquina semiótica capaz de gerar novas grandezas-signos, de gerar novas leis combinatórias — ou de gerar novas regras gerativo-transformacionais —, de modo que à criatividade, no sentido da teoria transformacional clássica, acrescenta-se outra, a que possibilita ao sistema de significação — ou sistema semiótico — modificar-se, reformular-se continuamente; e, por isso mesmo, a este se acrescenta, também, uma sintaxe, em estrutura hiper-profunda, que regula essas mudanças e reformulações.

Assim, o sistema de significação não se sustenta nas grandezas-signos — que são, na realidade, seu produto — mas tem como princípios básicos de sua estruturação e funcionamento, a função semiótica — relação de dependência entre o plano da expressão e o plano do conteúdo — e a *semiose*, enquanto processo instaurador da significação como relação intra-sígnica, processo gerador, em última análise, das grandezas-signos.

Desse modo, pode-se dizer que todo sistema de significação *contém* um sistema de signos; sua permanente reformulação não é simplesmente *tolerada* pelo sistema semiótico, como algo inegável, mas, ao contrário, é condição de sua existência e funcionamento (cf. Pais, 1978, 327-38).

O tema merece, sem dúvida, uma série de considerações que faremos mais adiante, quando aplicarmos esse modelo ao sistema semiótico linguístico.

Ainda de acordo com esse modelo, todo sistema semiótico contém um universo semiótico, constituído de signos, leis combinatórias e suas inter-relações, que é

equivalente a uma *visão do mundo*.

O sistema semiótico permite, por conseguinte, ao conjunto dos membros de uma comunidade sócio-linguístico-cultural, integrar todos os dados da experiência — biofatos, sociofatos, mentefatos e manufatos, segundo a classificação antropológica — num sistema coerente e muito homogêneo, que caracteriza o grupo e define sua cultura, sua ideologia. Essa sociedade e essa cultura, em permanente mudança — em maior ou menor velocidade — reelaboram seus valores, suas estruturas, suas regras, sua percepção dos fatos da natureza e da vida social, criam novos objetos, materiais ou não, num incessante reconstruir de sua visão do mundo.

Os sistemas semióticos em funcionamento numa dada comunidade — sua macro-semiótica —, sistemas verbais e não verbais, são os instrumentos desse pensar e repensar o mundo; de sua operação, resulta em cada época, uma visão do mundo peculiar ao grupo, que não se configura, no entanto, como uma ruptura em relação ao complexo sócio-linguístico-cultural de épocas anteriores; ao contrário, são aqueles sistemas semióticos que asseguram a sua *continuidade* no tempo e permitem ao grupo reconhecer-se sempre como o mesmo, de vez que as mudanças têm lugar no interior e *através* de tais sistemas, que, ao mesmo tempo que realizam semelhantes mudanças, confirmam e reiteram os processos de estruturação da significação e da informação e os processos de comunicação entre os indivíduos do grupo.

Quanto às novas significações e informações, elaboradas nos discursos manifestados dos diferentes códigos a serviço da mesma comunidade, realizadas nos atos de comunicação, são, muitas delas, recuperadas pelos sistemas semióticos e armazenadas, essencialmente, como grandezas-signos, no banco de memória — no sentido informático do termo, dos usuários, convertendo-se em modelos disponíveis para novas análises dos dados da experiência e novos atos de comunicação *stricto sensu*.

Assim, a *visão do mundo* de um grupo resulta da operação simultânea daqueles diferentes sistemas que, funcionam, portanto, em *paralelo*.

Nessas condições, o código linguístico considerado o mais abrangente, o mais econômico — inclusive por sua menor dependência da substância de expressão — e o mais apto para a análise nuançada e rigorosa, responde, em grande parte, por essa visão do mundo. Não corresponde a ela, simplesmente, como parecia pretender Martinet (cf. II), mas a elabora, constrói, estrutura e reformula sem cessar.

Por conseguinte, de acordo com esse modelo, as novas análises, os referentes



resultados do recorte realizado sobre a substância semântica, os novos *designata* estão relacionados com o processo de estruturação de novas funções semióticas e à codificação de novas informações, de tal sorte que as primeiras não podem ocorrer sem que se dêem destes últimos. Significações e informações elaboradas no discurso verbal manifestado são recuperadas pelo sistema e armazenadas no banco de memória dos usuários, como vimos, essencialmente em forma de grandezas-signos, ou seja, em se tratando do código linguístico, de novas unidades, que vão integrar o universo léxico.

Daí resulta, naturalmente, que a visão do mundo se imprima e se reflita sobretudo no léxico, e que as estruturas deste último sejam as mais dinâmicas do código linguístico e as mais sujeitas à mudança.

Dessa maneira, a mutação léxica não pode ser vista como uma anomalia, ou como um fenômeno aceitável e compreensível apenas em diacronia, mas, ao contrário, como um processo permanente – variável, sem dúvida, quanto à sua velocidade – e como uma condição *sine qua non*, para que a língua possa desempenhar plenamente as suas funções de comunicação *stricto sensu* e *lato sensu*, na comunidade a que serve.

Devem distinguir-se, na teoria de Bernard Pottier, dois níveis em que reconhece e analisa o dinamismo das estruturas linguísticas: de um lado, o da produção dos atos de comunicação *stricto sensu*, da enunciação e da formação dos enunciados; de outro lato, a estruturação e a reestruturação das unidades do universo léxico, as *lexias*, consideradas como unidades memorizadas, e que, por conseguinte, não são, em princípio, codificadas no ato de fala em que ocorrem, mas o precedem, encontrando-se disponíveis no banco de memória do falante-ouvinte.

Abordemos o primeiro aspecto.

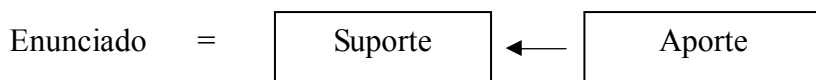
Num ato de comunicação *stricto sensu*, a informação contida no enunciado, e que o emissor procura transmitir, pode ser desdobrada em duas outras:

a) A informação pressuposta conhecida do receptor, que torna possível o ato, e que é, pois, uma *condição de uso*;

b) A informação suplementar, desconhecida do receptor, que é, realmente, objeto de comunicação, que o emissor tem a intenção de transmitir, e que, para tanto, este coloca em combinatória, relacionando-a com a primeira.

Pottier denomina-as, respectivamente, *suporte* e *aporte* (Pottier, 1968, 91).

Assim, todo o enunciado simples apresenta o esquema:



Na realidade, esse esquema básico aplica-se a qualquer ato de comunicação, em qualquer código, e não somente aos atos linguísticos.

Desse modo, em estrutura hiper-profunda, todo enunciado pode ser reduzido a uma relação básica de atribuição. O suporte e o aporte são duas existências lógicas possíveis, em que o termo 2 pressupõe o termo 1. Assim: “Le support est l’élément volontairement *pose*, et on l’appellera une *entité*: ●, dotée d’une vision d’indépendance. L’apport est l’élément que l’on *pose*, e til est vu comme un *comportement*: ■■■■, lié a une vision de dépendance (apport → support)” (Pottier, 1974, 41-2). Do ponto de vista de sua estrutura elementar, pois, todo enunciado é uma relação entre uma entidade e um comportamento.

Num primeiro nível de estrutura profunda, essa relação se desdobra em três esquemas lógico-conceptuais; aos quais correspondem *esquemas de entendimento*, quando de sua passagem a uma língua natural (Co → LN) (Pottier, 1974, 51). Esses três esquemas básicos definem os modos de relação entre as *entidades* ou os *actantes*, isto é, os termos *participantes de uma relação actancial* ou *predicativa* (Pottier, 1970, 58); são elas, basicamente, a relação mono-actancial atributiva, a mono-actancial ativa e a bi-actancial ativa (Pottier, 1970, 57). A essas relações correspondem *valores* ou, antes, *orientações*, essencialmente a *endocêntrica* ( ← ) a *exocêntrica* ( → ), e, sobretudo em certas transformações actanciais, a *equilibrada* ( ↔ ), (Pottier, 1974, 42).

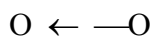
O esquema mono-actancial atributivo compreende um único actante, tem uma orientação endocêntrica e não admite um comportamento, de modo que se atribui ao suporte uma carga semântica suplementar (a do aporte), numa visão estática, uma visão nominal nas línguas indo-européias, enriquecendo-se a informação sobre o suporte com os traços de um *complexo substancial* —O ou de um *complexo adjetival* —□ (Pottier, 1974, 44). Teremos, pois,

*João é alto*

O ← —□

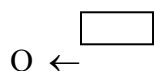
ou

*João é um homem*



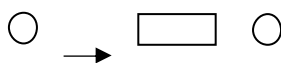
O esquema mono-actancial ativo comporta um único actante, relacionado a um *comportamento* (ou processo), tem uma orientação endocêntrica, de tal modo que o comportamento ou processo não se relaciona a nenhum outro actante, como, por exemplo, em

*João respira*



O esquema bi-actancial ativo compreende dois actantes relacionados a um comportamento, visto com um processo desencadeado pelo primeiro e que atinge o segundo, e tem, por conseguinte, uma orientação exocêntrica, como, por exemplo, em

*João esmagou a formiga*



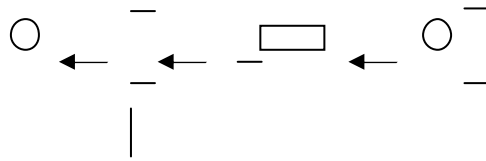
Ainda em estrutura profunda, esses esquemas podem sofrer transformações, ditas transformações actanciais. É o que sucede, por exemplo, quando um esquema bi-actancial ativo (transitivo) é transformado em bi-actancial atributivo (passivo), como, por exemplo, em

*Antônio matou Ricardo*



que passa a

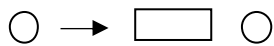
*Ricardo foi morto por Antônio*



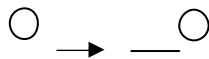
Existem, também, transformações em que, a partir de duas relações actanciais independentes, torna-se uma delas dependente da outra, chamando-se, então, àquela *actância secundária* (Pottier, 1974, 50-5)

Tomemos os enunciados:

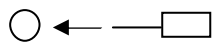
a) *Ricardo namora Cecília;*



b) *Ricardo é um estudante de engenharia;*

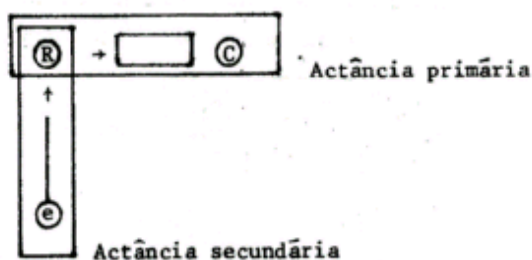


c) *Cecília é bonita e inteligente.*

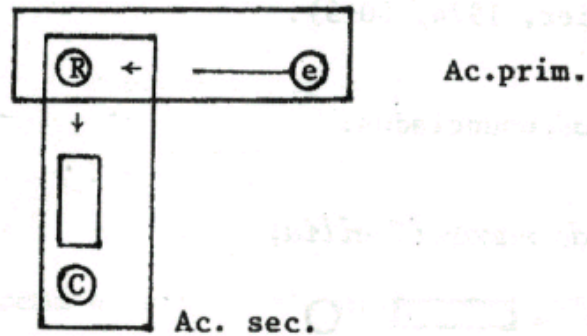


Poderemos ter as transformações:

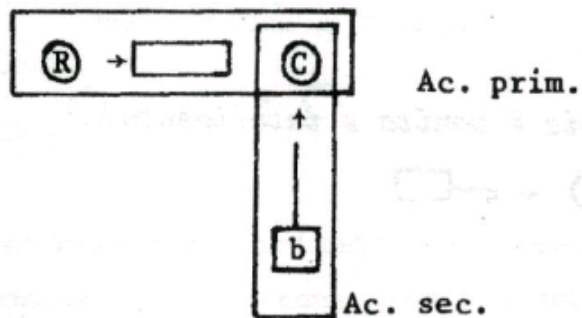
a) *Ricardo, que é um estudante de engenharia, namora Cecília*



b) Ricardo, que namora Cecília, é um estudante de engenharia:

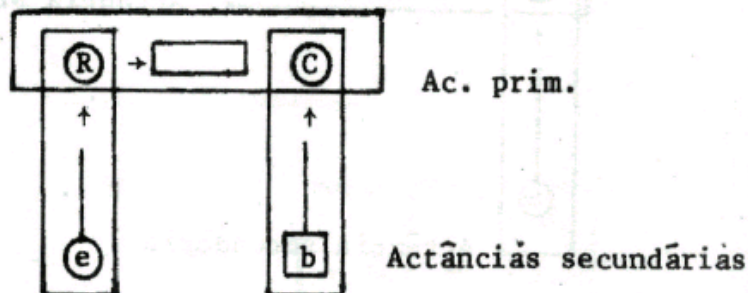


c) Ricardo namora Cecília, que é bonita e inteligente:



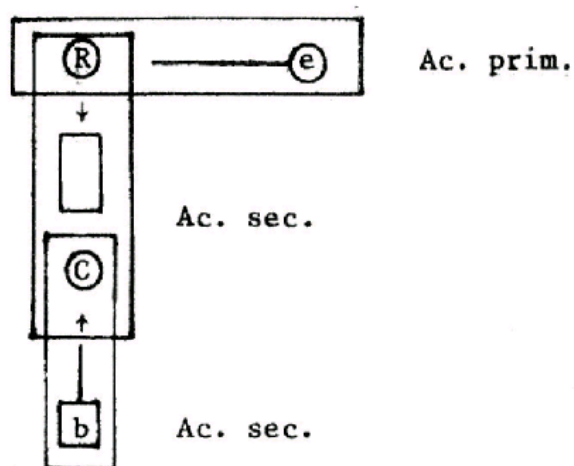
e ainda as combinações

d) Ricardo, que é um estudante de engenharia, namora Cecília, que é bonita e inteligente;



e) Ricardo, que namora Cecília, que é bonita e inteligente, é um estudante de

engenharia.



Segue-se, já ao nível da estrutura de superfície, a estruturação das sintaxias, isto é, das seqüências de sintagmas, de acordo com o esquema básico

$$\text{SN} + \text{SV} \overset{+}{-} \text{SN}$$

e dá-se, então, o investimento semântico, através das lexias atualizadas (*Ricardo, Cecília, namora, estudante, etc.*, nos exemplos examinados), lexias de cuja combinatória semântico-sintática resulta a *semia* (análise sêmica, linguística, forma de conteúdo) do enunciado e sua correspondente *isotopia* (redundância e compatibilidade sêmicas).

Podem ocorrer, nesse nível, *transformações actoriais*, em que as lexias (os atores), que realizam, na superfície, os actantes da estrutura profunda, são substituídos (comutação) ou combinados em expansões sintagmáticas, como, por exemplo, em

*Ricardo /*

*Antônio*

*é estudante*

- comutação

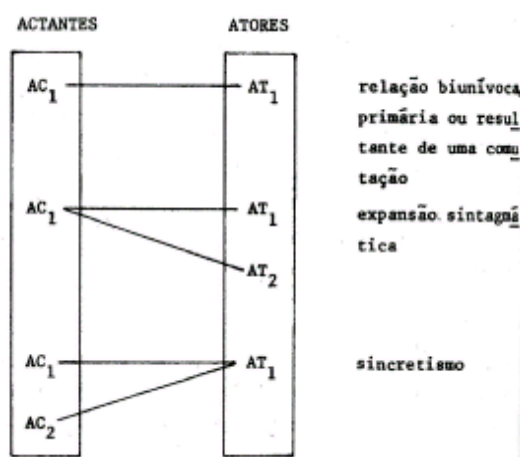
ou

*Ricardo e Antônio são estudantes* - expansão,  
 ou, ainda, pode verificar-se um sincretismo, em que um ator desempenha dois papéis actanciais, como em

*Ricardo e Antônio esbofetearam-se,*

onde *Ricardo e Antônio* têm, cada um, os papéis *actanciais* de sujeito e objeto.

Como se vê, a relação actante-ator não é sempre bi-unívoca, mas compreende, de acordo com as transformações realizadas, três possibilidades:



Dá-se, finalmente, a manifestação fonológica-fonética.

Transponha-se o modelo para o nível transfrástico, do discurso. Consideremos, com Greimas, que, em uma narrativa qualquer, cada um de seus enunciados narrativos pode corresponder a certo número, maior ou menor, de enunciados frásticos que o manifestam.

Assim, uma narrativa-tipo pode conter os seguintes enunciados narrativos, no percurso sintagmático de um estado inicial a um estado final:

Estado<sub>1</sub>: Disjunção entre o sujeito (o príncipe) e o seu objeto de valor (a princesa)

EN<sub>1</sub>: “A princesa está presa na torre do castelo, por ordem do rei”.

Percurso necessário para a transformação do Estado<sub>1</sub> em Estado<sub>2</sub>:

EN<sub>2</sub>: “O rei exige que o príncipe pretendente mate o dragão da floresta, para dar-lhes a mão da filha” (celebração do contrato).

EN<sub>3</sub>: “O príncipe parte para a floresta”.

EN<sub>4</sub>: “Uma fada dá ao príncipe uma espada mágica”.

EN<sub>5</sub>: “O príncipe mata o dragão”.

EN<sub>6</sub>: “O príncipe retorna ao castelo do rei, trazendo um troféu que comprova sua façanha”.

EN<sub>7</sub>: “O rei, vencido, dá-lhe a filha em casamento”.

Estado<sub>2</sub>: Conjunção entre o sujeito e o seu objeto de valor (quanto à noção de objeto de valor, cf. Greimas, 1973, 31-35).

Podem ocorrer, como se percebe facilmente, transformações actanciais e actoriais. Se, por exemplo, a princesa passa também a desejar o príncipe, torna-se aquela o sujeito<sub>2</sub>, e o príncipe, o seu objeto de valor, de modo que ao ator “príncipe” correspondem os actantes S<sub>1</sub> e O<sub>2</sub>. Pode dar-se o caso em que o actante anti-sujeito tenha a sua realização em vários atores, como, por exemplo, nos diferentes “pretendentes”, que concorrem com o herói (cf. os “pretendentes” à mão de Penélope, esposa de Ulisses, na *Odisséia*).

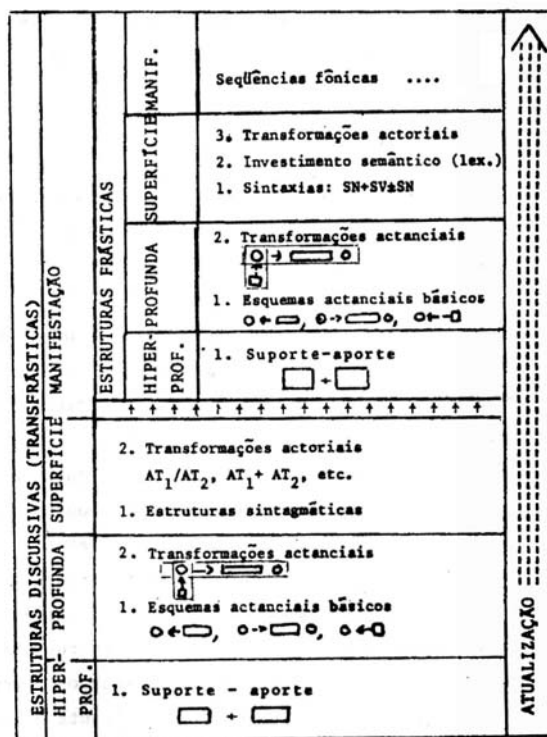
Em realizações várias, em discursos manifestados, cada um dos enunciados narrativos (de EN<sub>1</sub> a EN<sub>7</sub>, no exemplo que propusemos), corresponderá, como dissemos, a um número maior ou menor de enunciados frásticos, assumindo as proporções de um parágrafo, de alguns parágrafos, ou, até mesmo, de um, dois, ou mais capítulos, se a narrativa tomar a forma de alentado romance.

Como se vê, um enunciado narrativo tem uma extensão variável, em sua manifestação linguística, no que diz respeito ao número de enunciados frásticos através dos quais se realiza. De qualquer forma, porém, o valor mínimo desse número é 1, de vez que o enunciado narrativo deve ser manifestado por pelo menos um enunciado frástico.

Por outro lado, examinando-se as estruturas actanciais e as transformações actoriais, frásticas e transfrásticas, verifica-se que tanto estas como aquelas são suscetíveis de serem descritas pela mesma metalinguagem, e que, portanto, podem ser consideradas, nesse sentido, isomorfas.



Depreende-se, pois, das duas observações feitas — relação entre enunciados frásticos e transfrásticos; e o carácter isomorfo da estruturação — que as estruturas actanciais e as transformações actanciais e actoriais transfrásticas (discursivas) se situam num nível mais profundo que as estruturas frásticas que constituem a sua



manifestação. Parece-nos possível, pois, integrar os modelos de Greimas e Pottier num único esquema, que permita visualizar as relações entre os diferentes níveis estruturais e a dinâmica de produção do discurso, desde a conceptualização até a sua realização fônica:

Trata-se, como se vê, de um modelo que diz respeito à *dinâmica de produção do texto*, no sentido hjelmsleviano do termo; entretanto, é indispensável levá-lo em conta, se se pretende caminhar para uma melhor compreensão da *dinâmica do sistema*. Com efeito, somente em situação de discurso, podem as grandezas-signos disponíveis como unidades léxicas memorizadas entrar em novas distribuições, em novas combinatórias semântico-sintáticas, de que resulta a manifestação de novas significações específicas, antes virtuais, dotadas de uma carga de informação até então inédita, e onde pode dar-se um ato de criatividade; além disso, como vimos, as estruturas frásticas e transfrásticas são interdependentes, de modo que as mudanças ocorridas num nível repercutem necessariamente, ainda que de forma variável, no outro.

É, pois, numa situação de discurso, e exclusivamente nela, que se realiza um

novo recorte conceptual na substância semântica, ou seja, dos dados da experiência e, simultaneamente, a sua codificação, de vez que o código é o instrumento dessa análise; dá-se semelhante análise, basicamente, de duas maneiras: ou tem por objeto um novo sociofato um biofato até então desconhecido — recorte de *continuum, in substantia* — ou os recortes preexistentes ao ato, quer do sistema semiótico ao qual pertence o discurso, quer de outro sistema semiótico em funcionamento na mesma comunidade sócio-linguístico-cultural. No código linguístico, efetuar-se-á, seja pela atualização de um elemento virtual — significante e significado criados no momento da enunciação —, seja pela distribuição e combinatória sêmica inesperadas (ruptura da isotopia, transferência de um universo de discurso para outro, etc.) — novo significado para um significante existente anteriormente ao ato —, seja pela combinatória fônica (efeito fono-estilístico, fonética impressiva), seja, finalmente, por um processo complexo, que reúna vários desses procedimentos.

A nova grandeza-signo, a nova relação de significação (a função semiótica assim criada) e a nova informação (análise antro-po-cultural), podem, então, ser recuperadas para o inventário efetivo do sistema, em forma de unidade léxica memorizada, na medida em que o elemento criado volta a ser atualizado por diferentes falantes-ouvintes, noutros discursos, em circunstâncias linguísticas e extra-linguísticas próximas, num processo que o reitera, até que seja aceito pelo grupo, ou, ao menos, por um subgrupo definido da comunidade, e armazenado no banco de memória desses falantes.

Dessa maneira, toda mudança do sistema semiótico linguístico está ligada a atos criativos — no sentido que dá Coseriu ao termo (cf. p. 43) —, de cuja acumulação e combinação resulta, reiterados nos atos de fala de diferentes sujeitos falantes-ouvintes, e depende estreitamente do contexto linguístico e extra-linguístico em que se dão esses atos, assim como do dinamismo das estruturas discursivas e frásticas, onde são produzidos.

Situando-nos agora noutra perspectiva, diríamos que, na realidade, a proposição de uma dinâmica de sistema não aparece explicitamente na teoria de Pottier; entretanto, muitos dos elementos necessários a uma elaboração desse tipo aí se encontram, por assim dizer, em embrião e vários dos seus micromodelos léxico-sintáxico-semânticos parecem apontar, a nosso ver, para essa direção.

O recorte dos objetos antro-po-culturais destacados do *continuum* amorfo da substância semântica pela ação de um ou mais códigos provoca o aparecimento simultâneo de dois “objetos”, o referente antro-po-cultural e um conjunto sêmico

informe, uma espécie de nebulosa sêmica, conjunto de semas conceptuais, ou seja, de traços semânticos pré-linguísticos, a que Pottier chama *lexe* (Pottier, 1974, 44).

A lexe pode ser vista como uma lexia em potência e também como um potencial de significado, como se fora uma etapa intermediária entre substância semântica e a forma que assumirá num código; nesse sentido, a lexe é disponível para tratamento em vários códigos de uma mesma comunidade e é, também, traduzível de um código para outro – do verbal para o não verbal, de um código não verbal para outro código não verbal (como, por exemplo, do pictório para o arquitetônico). Diremos, pois se a lexe se situa num nível conceptual pré-código e transcódigo e que, desse ângulo, a capacidade que tem o homem de criar — e recriar — modelos ou classes de equivalência culturais (Pais, 1974a, 7), classificando os objetos culturais segundo traços pertinentes ou *critérios* culturais, isto é, semas conceptuais, como um primeiro nível de sua aptidão semiótica.

É a lexe, elementos relacionado simultaneamente a diferentes grandezas-signos de diferentes sistemas semióticos operantes numa mesma comunidade, que assegura o entendimento e a “traductibilidade” relativa de um código para outro.

Desse modo, podemos considerar a aptidão linguística como um aspecto da aptidão semiótica, que a engloba e ultrapassa.

Assim, quando se passa do nível conceptual (CO) ao de língua natural (LN), tem-se um processo de *lexemização* (Pottier, 1974, 82).

Em língua natural, num primeiro nível, dá-se a estruturação de um *sobressemema*, polissêmico, ao qual podem corresponder vários referentes antropoculturais que apresentam intersecção sêmica conceptual. Esse sobressemema é, pois, um conjunto de semas linguísticos, traços mínimos de significado linguístico, a forma semêmica ou a substância de conteúdo linguisticamente analisada, que contrai uma função semiótica com uma seqüência fonológica, tornando-se uma lexia, ao nível de sistema, unidade memorizada e disponível para atualização. O seu caráter polissêmico permite que seja atualizada em vários universos de discurso, de que resulta, ao mesmo tempo, em cada um deles, uma definição sêmica mais estreita, uma redução e, por vezes, a eliminação da polissemia, e, conseqüentemente, uma restrição de sua latitude combinatoria.

Desse modo, à lexia de sistema, com seu sobressemema, podem corresponder várias unidades léxicas de normas de discurso (cada universo de discurso é sustentado numa norma de discurso); essas normas condicionam a atualização das lexias e o

comportamento linguístico dos usuários.

Lexia polissêmica e unidades de discurso — unidades de sistemas e unidades de norma, diríamos nós — integram a competência linguística, que, no modelo de Pottier, é variável de indivíduo a indivíduo.

Finalmente, ao nível da fala — ou da performance —; cada atualização de uma lexia atende à especificidade do ato linguístico, em que o seu valor de comunicação é único; restringe-se semicamente a lexia, em relação ao conjunto sêmico que lhe corresponde no sistema, mas pode, ao mesmo tempo, receber uma carga sêmica suplementar, resultante de sua combinatória com as outras lexias do enunciado.

### **5. A neutralização da oposição sincronia-diacronia**

Assim, pois, acreditamos que seria possível conceber, a partir desses elementos propostos — e levando-se em conta os modelos semióticos pós-hjelmslevianos —, o processo de produção de novas unidades léxicas, não somente do ponto de vista do ato linguístico, mas também do ângulo do sistema e das relações sistema → ato → sistema, ou seja, da produção dessas unidades em discurso, de acordo com as virtualidades do sistema, e de sua subsequente recuperação como *modelos de língua e de discurso*, entendendo-se esse processo como uma *dinâmica de sistema*, que se não confundisse com a evolução da estrutura deste último, isto é, que pudesse ser surpreendida dentro dos limites do que se considera usualmente, em linguística, uma etapa sincrônica, assegurada a contínua renovação do léxico, sem prejuízo da intercompreensão dos sujeitos falantes-ouvintes.

Semelhante proposição, se verificada a sua viabilidade, poderia certamente contribuir para a solução de algumas das perplexidades da linguística estrutural *stricto sensu*, substituindo-se a rigidez formal de seus modelos por uma visão funcional do desempenho da máquina semiótica que é o código, inserida no contexto sócio-cultural, atuante na vida da comunidade, observando-se, então, a sua interação e influência recíproca.

Com efeito, parece-nos que o modelo do processo de lexemização visto em 4. poderia ser lido em dois sentidos; no sentido descendente, tal como foi apresentado, equivale a um modelo do processo de criação da lexia, desde o recorte conceptual, em nível pré-código, até a sua atualização num universo de discurso.

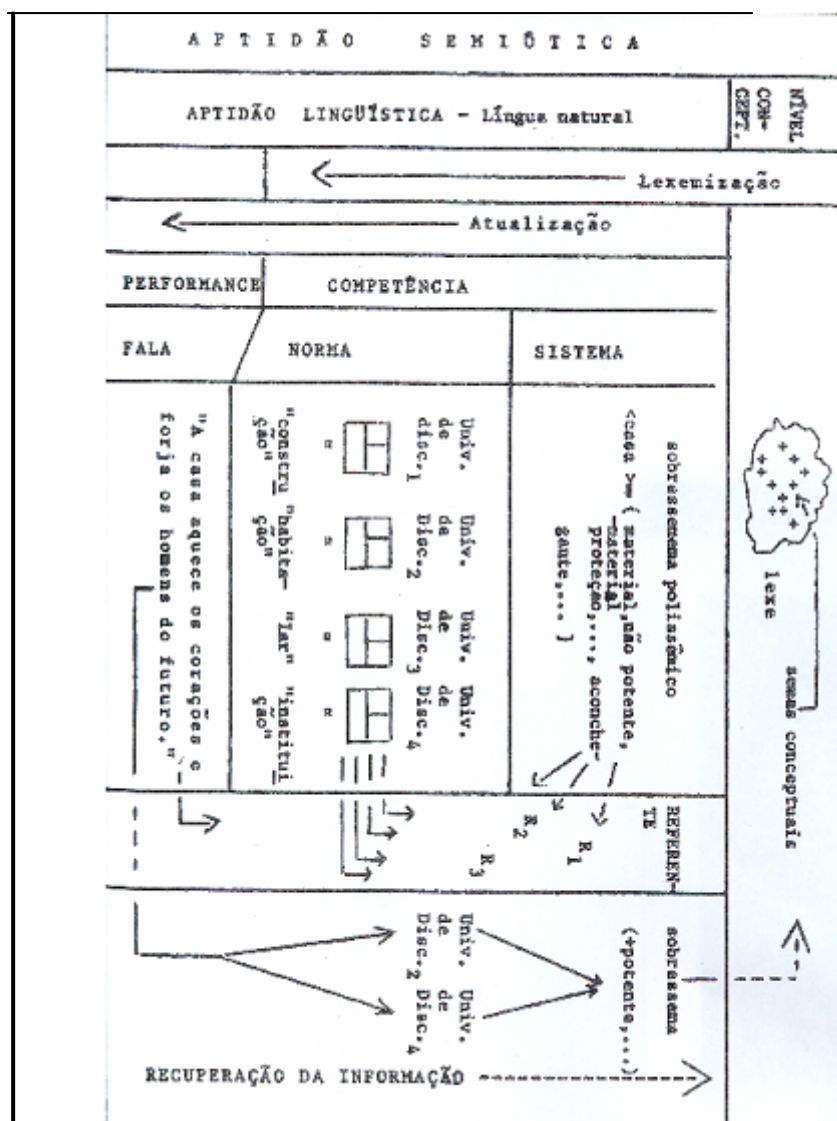
Entretanto, se o retomarmos em sentido ascendente, corresponderá, segundo cremos, ao processo pelo qual a significação e a informação elaborada em discurso

podem ser recuperadas pelo sistema, integrando-se a grandeza-signo criada ou recriada no inventário das unidades disponíveis e modificando-se simultaneamente a visão do mundo dos usuários. Desse modo, a combinação dos dois movimentos, ascendente e descendentes, fornecer-nos-ia alguns elementos extremamente importantes para a construção de um modelo da dinâmica do sistema semiótico linguístico.

Como se compreende facilmente, a recuperação da significação e da informação elaboradas no ato de comunicação linguística só pode realizar-se através do retorno do significado, enquanto forma semêmica, e da informação nele contida, para o nível do sobressema. Se isso acontecer, o fato terá imediata repercussão no nível conceptual, e, como modelo disponível para novas análises da substância semântica, estenderá sua influência aos demais sistemas semióticos pertencentes à comunidade sócio-linguístico-cultural.

Assim, a reiteração de atualizações que contrariam uma norma de discurso, por parte de vários falantes-ouvintes que desconhecem ou desobedecem a esta última, acaba alterando-a, modificando-se o universo de discurso atingido; a acumulação e a combinação de modificações das normas conduz à reestruturação do sobressema polissêmico, ao nível do sistema; aquilo que era apenas uma virtualidade deste último, torna-se então parte integrante das disponibilidades da língua, já efetivadas e pode tornar-se, por sua vez, o ponto de partida para novos recortes conceptuais, novas análises e novas criações léxicas.

Seja, pois, o esquema proposto por Pais (1978):



Situam-se nessa perspectiva panorâmica ampla, que conduz, do ponto de vista epistemológico e metodológico, a uma neutralização da oposição sincronia-diacronia, vários projetos desenvolvidos na chamada linguística pós-estrutural.

Tem por objetivo esses projetos explicar diferentes aspectos do dinamismo dos sistemas semióticos, e do sistema semiótico linguístico em particular. Destacam-se, entre outros, os trabalhos de alguns sociolinguistas, como, por exemplo, os de Marcellesi (1974) e os de certos lexicólogos, como, por exemplo, os mais recentes estudos de Guilbert (1975); buscam os primeiros precisar as relações entre a dinâmica do sistema linguístico e a das estruturas sociais, considerando a interação língua-sociedade-cultura, enquanto tratam os últimos, sobretudo, da caracterização interna do processo de mutação léxica. Na realidade, tais projetos complementam-se.

Discutimos rapidamente a problemática dos meta-modelos linguísticos, sem descer a minúcias, na medida em que fundamentamo-nos nas proposições pancrônicas, associadas a outras, dos meta-modelos pós-hjelmsleviano, do modelo semiótico greimasiano como do modelo semântico-sintático mais recente de Pottier – meta-modelos pancrônicos, em sentido amplo –, associadas, ainda, aos micro-modelos que viemos propondo, a partir de suas teorias, pretendemos elaborar um modelo teórico que permitisse dar conta de alguns aspectos, que nos parecem importantes, da dinâmica do sistema semiótico linguístico, mais particularmente no que se refere às estruturas léxicas, ao mecanismo da criação e da renovação léxicas, que nos conduzem, de um lado, ao esboço de uma tipologia da neologia e, de outro, a uma melhor compreensão da dinâmica do sistema e da produtividade do discurso.

### **Referências bibliográficas**

- BARTHES, R. (1971) *Elementos de semiologia* (São Paulo, Cultrix).
- CHOMSKY, N. (1956) *Syntactic Structures* (Paris, Le Hague, Mouton).
- \_\_\_\_\_ (1971) *Aspectos de la Teoria de la Sintaxis*. (Madrid, Aguilar).
- COSERIU, E. (1967) *Teoria del Lenguaje y Lingüística General* (Madrid, Gredos).
- COURTÉS, J. (1973) *Lévi-Strauss et les Contraintes de la Pensée Mythique*. (Paris, Mame).
- \_\_\_\_\_ (1976) *Introduction à la Sémiotique Narrative et Discursive*. (Paris, Hachette).
- GREIMAS, A.J. (1976a) *Semiótica do Discurso Científico. Da Modalidade* (São Paulo, Difel, SBPL).
- GUILBERT, L. (1975) *La Créativité Lexicale* (Paris, Larousse).
- HJEMSLEV, L. (1966) *Le Langage* (Paris Minuit).
- \_\_\_\_\_ (1968) *Prolégomènes à une théorie du langage* (Paris, Minuit).
- LOPES, E. (1976) *Fundamentos da Lingüística Contemporânea* (São Paulo, Cultrix).
- MARCELLESI, C. (1974) *Néologie et Fonctions du Langage*. In: *Langages*, 36
- \_\_\_\_\_ (1974) *Introduction à la Socio-linguistique. La Linguistique Sociale* (Paris, Larousse).
- MARTINET, A. (1963) *Éléments de Linguistique Générale*. (Paris, Armand Colin).
- MORRIS, C. W. (1976) *Fundamento da Teoria dos Signos*. (Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca; São Paulo, Cultrix-Editora da USP).
- PAIS, C. T. (1978a) Structuration du Signifié: de L'analyse Conceptuelle à la Lexemisation. In: *Acta Semiotica et Linguistica*, v.2, nº 1, 327-37. (São Paulo).
- \_\_\_\_\_ (1978b) Estruturas de poder dos discursos: Elementos para uma abordagem sócio-semiótica. In: *Língua e Literatura*. Revista dos Departamentos de Letras da FFLCH-USP, nº 7. 39-49. (São Paulo, FFLCH-USP)

POTTIER, B. (1974) *Linguistique Générale (Theorie et Description)* (Paris, Klincksieck).

SAUSSURE, F. (1964) *Cours de Linguistique Générale*. (Paris, Payot).